



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO *CAMPUS XIII*
COLEGIADO DO CURSO DE LETRAS**

DENISE DOS SANTOS BRITO

**O AMOR ERÓTICO DA PROTAGONISTA CAROLINA MARIA DE
JESUS EM *QUARTO DE DESPEJO* E *CASA DE ALVENARIA***

Itaberaba-BA
2024

DENISE DOS SANTOS BRITO

**O AMOR ERÓTICO DA PROTAGONISTA CAROLINA MARIA DE
JESUS EM *QUARTO DE DESPEJO* E *CASA DE ALVENARIA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras, Habilitada em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa; Universidade do Estado da Bahia; Departamento de Educação, *Campus XIII*; Colegiado do Curso de Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Juscilândia Oliveira Alves Campos

Itaberaba-BA
2024

DENISE DOS SANTOS BRITO

**O AMOR ERÓTICO DA PROTAGONISTA CAROLINA MARIA DE
JESUS EM QUARTO DE DESPEJO E CASA DE ALVENARIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras, Habilitada em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa; Universidade do Estado da Bahia; Departamento de Educação, *Campus XIII*; Colegiado do Curso de Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Juscilândia Oliveira Alves Campos

Aprovada em _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Juscilândia Oliveira Alves Campos
Universidade do Estado da Bahia
Orientadora

Profa. Dra. Luciana Sacramento Moreno
Gonçalves
Universidade do Estado da Bahia
Examinadora

Profa. Dra. Vanusa Mascarenhas Santos
Universidade do Estado da Bahia
Examinadora

“[...] Aprendi que mais vale tentar do que recuar... Antes acreditar do que duvidar, que o que vale na vida, não é o ponto de partida e sim a nossa caminhada”

Cora Coralina

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, elevo minha mais profunda gratidão a Deus, que tem derramado Sua infinita bondade e misericórdia sobre minha vida. Reconheço que, sem Sua divina permissão e constante proteção, nada disso teria sido possível.

Agradeço de todo o coração à minha mãe, Diana, por sua coragem e amor incondicional. Que anos atrás, tomou a difícil decisão de deixar nossa casa, se afastar do conforto da zona rural e abrir mão da proximidade com seu marido, tudo isso para que eu tivesse a oportunidade de estudar e sonhar com um futuro melhor. Mãe, sua força e determinação foram faróis que iluminaram meu caminho. Por inúmeras vezes, você enfrentou desafios e fez sacrifícios, sempre com o objetivo de me proporcionar o melhor. Sua coragem inspira e seu amor me fortalece. Você é, e sempre será, minha maior base, meu maior exemplo e a minha maior inspiração.

Agradeço também ao meu pai, Gildasio, que permitiu a vinda da minha mãe, mesmo que isso significasse viver a solidão. Papai, os anos longe de você, te vendo apenas aos finais de semana, foram muito dolorosos, e ainda são. Mas entendo que foi necessário, e sem o esforço de vocês, essa conquista não teria sido possível. Passamos por tantos momentos difíceis juntos, mas vocês nunca soltaram a minha mão.

Agradeço também ao meu trio de amigos: Cami, Shay e Mi, que fizeram com que essa caminhada fosse muito mais leve e prazerosa. Vocês foram essenciais ao longo dessa jornada, tornando minhas tardes muito mais divertidas e especiais. Foram tantas risadas, surtos, medos e até lágrimas, mas, no final das contas, vocês foram os melhores presentes que a graduação me proporcionou.

Quero expressar minha mais profunda gratidão e admiração a todos os docentes da UNEB, que, com dedicação e amor, exercem suas profissões. O compromisso de vocês em compartilhar conhecimento, inspirar e transformar

vidas é uma fonte de inspiração e um exemplo de excelência. Sou imensamente grata por cada lição e por todo o apoio ao longo da minha jornada acadêmica.

Agradeço, em especial, à minha orientadora, Juscilândia Campos, por todos os valiosos ensinamentos compartilhados e por todas as tardes que, com literatura e inspiração, enriqueceram minha jornada. Sua dedicação incansável, paciência e orientação cuidadosa foram fundamentais para a realização deste trabalho final. Sou profundamente grata por seu apoio constante e por ter tido a honra de aprender e crescer sob sua mentoria.

A todos, deixo meu sincero e profundo agradecimento.

RESUMO

O trabalho tem como objetivo analisar os aspectos da vida amorosa da personagem Carolina Maria de Jesus nas obras *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (2014) e *Casa de Alvenaria: Diário de uma ex-favelada* (2021). A pesquisa busca compreender como questões de identidade, classe social e raça influenciaram as relações amorosas da protagonista, destacando as transformações em seus vínculos afetivos ao longo das duas obras. A metodologia empregada é baseada em pesquisa documental e qualitativa, com análise das narrativas dos diários de Carolina, investigando as semelhanças e diferenças em suas experiências amorosas dentro e fora do contexto da favela. Essa abordagem permitiu explorar os desafios enfrentados pela protagonista dos diários enquanto mulher preta, mãe solo e escritora, inserida em um ambiente social marcado pela exclusão. Além disso, o estudo adota uma perspectiva interseccional para examinar como as opressões de raça, classe e gênero se entrelaçam na trajetória amorosa da autora, influenciando suas percepções sobre afeto, desejo e pertencimento. A pesquisa analisa os conceitos de amor em diferentes épocas, fundamentando-se nas teorias de Bauman (2004), Branden (1998), Flacelière (1988), Flandrin (1995), Grimal (1991), Lins (2007), Rougemont (1988), entre outros. Além disso, o trabalho aborda as interseções entre gênero, raça e classe na experiência das mulheres negras, com base em autoras como Alves (2010), bell hooks (1995), Davis (2016), Lélia Gonzalez (2020), Nascimento (2006), Pacheco (2013), Ribeiro (2018), Silva (2018) e Souza (2013). Os resultados indicam que as condições de vida na favela, como a pobreza extrema e o racismo, influenciaram significativamente a vida amorosa da escritora da favela, resultando em relações marcadas por abandono, desconfiança e solidão. Em *Casa de Alvenaria* (2021), sua ascensão social trouxe mudanças em sua perspectiva, mas os estigmas raciais e de gênero permaneceram.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; *Quarto de Despejo*; *Casa de Alvenaria*; Amor.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 PERCORRENDO A TRAJETÓRIA DO AMOR.....	12
2.1 O AMOR E A MULHER NEGRA: PERCURSOS E RESISTÊNCIAS.....	20
3 DE AMOR E SOLIDÃO: AS RELAÇÕES AMOROSAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM <i>QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA</i>	24
4 ENTRE A ILUSÃO E A REALIDADE: O AMOR ERÓTICO NA VIDA DA PERSONAGEM CAROLINA MARIA DE JESUS EM <i>CASA DE ALVENARIA – DIÁRIO DE UMA EX-FAVELADA</i>	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo investigar as relações amorosas, tanto explícitas quanto implícitas, de Carolina Maria de Jesus – protagonista de suas próprias obras –, abordadas em *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (2014) e *Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-favelada – Vol. 1: Osasco* (2021). A vida amorosa de Carolina, retratada em seus escritos, oferece uma perspectiva única sobre os desafios e os triunfos de uma mulher negra, escritora e mãe solo em uma sociedade marcada pela desigualdade racial e econômica.

Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada é composto por vinte diários escritos entre 15 de julho de 1955 e 1º de janeiro de 1960, período em que Carolina Maria de Jesus era uma moradora anônima da favela do Canindé, em São Paulo. Já sua segunda obra, *Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-favelada*, registra o período em que a ex-catadora de papel se muda para uma casa de alvenaria em 1960, após deixar a favela do Canindé.

A narrativa de *Quarto de Despejo* (2014) descreve a extrema pobreza e as condições precárias enfrentadas pela protagonista e pelos moradores da comunidade. Além disso, retrata a realidade de uma mãe solo que precisa proteger seus filhos, enquanto tenta equilibrar o trabalho com os cuidados maternos diante dos desafios impostos pela vida na favela.

Os relatos da personagem Carolina Maria de Jesus expõem as dificuldades enfrentadas pelas mulheres que criam seus filhos sozinhos, em meio à pobreza e à marginalização. Suas obras são extremamente reconhecidas como contribuições significativas para a literatura brasileira, destacando-se por representar vozes marginalizadas e abordar questões sociais relevantes, dando visibilidade à realidade das favelas no Brasil.

Neste trabalho, exploramos a vida amorosa da personagem Carolina Maria de Jesus, analisando não apenas as relações afetivas que ela vivenciou, mas também como essas experiências influenciaram sua identidade, sua escrita e suas escolhas em relação ao amor.

Para isso, fez-se necessário decorrer a seguinte problemática: Como estão representados os relacionamentos amorosos de Carolina Maria de Jesus, na sua vida e em suas obras *Quarto de despejo* e *Casa de Alvenaria*? Carolina, mulher, mãe solo, pobre e favelada, vivenciou uma realidade que poderia ser digna de um enredo

ficcional, mas que, para ela, era uma existência concreta e desafiadora. Moradora da favela do Canindé, encontrou na escrita não apenas uma forma de refúgio e sobrevivência emocional, mas também uma maneira de preservar sua sanidade mental e lidar com a solidão.

Em seus diários *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* e *Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-favelada*, Carolina Maria de Jesus descreve uma de suas maiores dificuldades: criar os filhos sozinha, sem contar com qualquer rede de apoio. Apesar das adversidades, a ex-catadora de papel demonstrou notável força de vontade e resiliência, encontrando na literatura um consolo e uma fonte de esperança. Mesmo com os poucos recursos disponíveis, Carolina alimentava sonhos de uma vida melhor para si e para seus filhos, revelando sua determinação em superar as barreiras impostas por sua realidade.

Em meio à descrição de tantas mazelas vivenciadas pela protagonista dos diários, pouco ela relata sobre sua vida amorosa. E assim, podemos pensar: será que essa discrição ou ocultação da sua vida amorosa não são consequências do tumulto da vida na favela, fazendo com que a protagonista, em sua segunda obra *Casa de Alvenaria*, venha tomar um rumo diferente no amor? Desse modo, examinamos suas experiências amorosas, como elas refletiram em seus escritos e investigamos se/como as questões ligadas à identidade, classe social e raça influenciaram na sua vida amorosa. Desde a publicação de suas obras, muitos estudos e pesquisas têm se debruçado sobre sua vida e sua produção literária, contudo, a esfera amorosa do protagonista de *Quarto de Despejo* permanece pouco explorada.

A escolha de trabalhar esse tema se justifica pela necessidade de investigar aspectos menos conhecidos da vida de Carolina Maria de Jesus, como seus relacionamentos afetivos, contribuindo para o resgate da história e memória dessa figura tão importante na literatura brasileira. Essa análise interdisciplinar, que incorpora elementos da literatura, história e estudos culturais, pode enriquecer a compreensão não apenas de sua vida amorosa, mas também do cenário social em que viveu. Assim, torna-se possível explorar as dinâmicas sociais que afetam mulheres negras em contextos urbanos desfavorecidos, ampliando a discussão sobre gênero, raça e classe.

Dessa forma, ao analisar as obras (*Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria*) de Carolina Maria de Jesus, considerando a sua condição de mulher negra e moradora de favela, contribui para uma reflexão sobre a representatividade e compreensão mais

ampla das dificuldades e ausências de afetos vividos por mulheres negras em situações de vulnerabilidade.

A escolha de analisar os aspectos amorosos da vida de Carolina Maria de Jesus, retratados em suas obras *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* e *Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-favelada*, reflete a busca por compreender a experiência afetiva de uma mulher preta, mãe solo e escritora, cujas narrativas literárias revelam a dureza de uma vida marcada pela opressão racial, de gênero e de classe.

A pesquisa fundamenta-se nas ideias de determinados teóricos para discutir conceitos sobre o amor em determinada época, como, por exemplo, Bauman (2004), Branden (1998), Flacelière (1988), Flandrin (1995), Grimal (1991), Lins (2007), Rougemont (1988), dentre outros. O estudo apoia-se também nas discussões sobre gênero, raça e classe a respeito das mulheres negras a partir de autores como Alves (2010), bell hooks (1995), Davis (2016), Lélia Gonzalez (2020), Nascimento (2006), Pacheco (2013), Ribeiro (2018), Silva (2018), Souza (2013).

Caracteriza-se como uma pesquisa documental, de cunho qualitativo, com abordagem descritiva, que busca compreender as relações amorosas na obra de Carolina Maria de Jesus. Essa pesquisa permite descrever a forma como a protagonista encara os amores, assim como observar seu comportamento diante deles. Conforme Antônio Carlos Gil, a pesquisa descritiva é aquela que “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (2002, p. 45). Nesse tipo de pesquisa tem-se como finalidade estudar a relação entre o gênero em questão e o contexto histórico e social da época.

De acordo com Carlos Gil (2002, p. 45), a pesquisa documental “vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa”. Dessa forma, constitui-se como *corpus* desta pesquisa os romances *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* e *Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-favelada*, de Carolina Maria de Jesus, dos quais são analisadas as informações sobre os relacionamentos amorosos da narradora-protagonista.

Desse modo, o trabalho está dividido em três seções, além da introdução e das considerações finais. A primeira seção, "Percorrendo a trajetória do amor", apresenta uma análise histórica e conceitual do amor, explorando suas representações literárias

e sociais ao longo do tempo. A seção 2.1 realizará uma análise aprofundada do conceito de amor sob a perspectiva das mulheres negras, explorando suas nuances, desafios e significados no contexto social e histórico. A terceira seção, "De amor e solidão: as relações amorosas de Carolina Maria de Jesus em *Quarto de Despejo*", investiga os relatos sobre os relacionamentos afetivos da autora no contexto da favela, destacando os impactos da pobreza, do racismo e da marginalização. A quarta seção, "Entre a ilusão e a realidade: o amor na vida da personagem Carolina Maria de Jesus em *Casa de Alvenaria*", examina as mudanças e permanências dos vínculos amorosos da autora após sua transição para uma nova realidade fora da favela. Por fim, as considerações finais sintetizam as análises realizadas, ressaltando as contribuições da pesquisa para o entendimento da vida e da obra de Carolina Maria de Jesus, especialmente no campo de suas vivências amorosas.

2 PERCORRENDO A TRAJETÓRIA DO AMOR

A atração entre indivíduos é um tema universal e multifacetado que atravessa diferentes formas de expressão cultural. Seja nas páginas da literatura, na tela de um filme, de uma telenovela, em uma peça teatral, nas artes visuais e na publicidade, a exploração desse tema oferece um profundo *insight* sobre as complexidades da experiência humana. Ao refletir sobre as motivações, conflitos e desejos amorosos é notório que essas relações ainda têm impacto na sociedade atual, que continua a discutir, capturar artisticamente e influenciar as conexões humanas. As histórias de amor refletem e moldam as percepções e as dinâmicas das relações afetivas na sociedade contemporânea, servindo como uma herança cultural que influencia a forma como entendemos e vivemos o amor na modernidade.

A trajetória do amor na Grécia Antiga é caracterizada por uma combinação de ideias filosóficas, expressões literárias e práticas sociais. Segundo Nathaniel Branden (1998), psicoterapeuta canadense, todo mundo quer amar e ser amado e está sempre em busca do amor incondicional. Ainda de acordo com a concepção de Branden (1998) sobre a cultura grega clássica, a visão do amor e da natureza humana é profundamente influenciada por uma distinção entre o corpo e o espírito, refletindo uma perspectiva que valoriza a espiritualidade sobre a sensualidade:

Os gregos idolatravam os relacionamentos amorosos espirituais, e não carnis, e para eles este amor profundo e espiritualmente significativo só era possível nos relacionamentos homossexuais, normalmente entre homens mais velhos e garotos; [...] enquanto o desejo sexual decorrente de sentimentos profundos era frequentemente visto como afeminado e insano, o relacionamento amoroso apaixonado entre dois homens era tido como um relacionamento no qual o amante mais velho inspirava no jovem a nobreza e a virtude, e o amor entre estes elevava a mente (Branden, 1998, p. 28).

Conforme Branden (1988, p. 105), na Grécia Antiga, a percepção de amor romântico era complexa. Mazel também ressalta os “paradoxos do amor grego, que pode levar de uma furiosa intemperança à mais serena das afeições”. Quando um homem grego se apaixonava por uma mulher, ela era considerada uma cortesã, uma mulher intelectualmente exemplar, capaz de proporcionar prazer tanto emocional

quanto sexual. No entanto, essas relações de paixão não costumavam levar ao matrimônio. Se um homem se apaixonasse por sua cortesã, isso era visto com desprezo, uma vez que o ideal era que tais relações não se tornassem públicas. Flacelière (1988, p. 88) afirma que, apesar de o casamento grego ser marcado pela racionalidade da economia, a própria racionalidade tornava os arranjos “pouco fecundos”,

por duas razões: o esposo encontrava facilmente fora do casamento a satisfação do instinto sexual e, por outro lado, receava, por miséria ou por egoísmo, ter novas bocas a sustentar, temendo igualmente, por outro lado, ver o patrimônio familiar repartido por um número demasiado de herdeiros, o que reduziria proporcionalmente a parte de cada um deles (Flacelière, 1988, p. 88).

Sendo assim, em primeiro lugar, os maridos frequentemente buscavam satisfação sexual fora do casamento, recorrendo às suas cortesãs, o que diminuía o foco na procriação dentro da união; em segundo, havia um receio econômico, seja por dificuldades financeiras ou por egoísmo, em aumentar o número de filhos, pois isso significaria ter mais despesas.

Em relação ao amor apaixonado, Branden (1998 p. 28) afirma que este, “quando aparecia, era em geral visto como uma trágica loucura, uma aflição que tomava conta de um homem e o tirava daquela calma e fria imparcialidade tão admirada pelos gregos”. Esse tipo de amor era considerado uma inquietação que perturbava a calma e a imparcialidade que os gregos tanto valorizavam. A paixão intensa e descontrolada era geralmente desvalorizada, pois contrastava com o ideal de racionalidade e equilíbrio que era altamente apreciado na sociedade grega.

Na cultura grega, o casamento era frequentemente arranjado, com o objetivo de assegurar alianças familiares, perpetuar as futuras gerações e garantir a gestão da casa. A mulher era vista, em muitos casos, como inferior, cujo papel era o de produzir herdeiros e cuidar do lar. A igualdade entre sexos não era um conceito aceito, e o casamento por amor não era comum.

Durante a Idade Média, o amor romântico ou apaixonado, como o entendemos hoje, não era o foco principal do casamento. O matrimônio era mais uma questão de aliança social e econômica, além de uma forma de garantir a legitimidade dos descendentes e a transmissão de propriedades. A ideia de que o amor entre os cônjuges poderia prejudicar o relacionamento social ou o que se deve a Deus reflete

o medo de que o foco no amor individual e pessoal pudesse desviar a atenção dos deveres religiosos e sociais. Segundo Flandrin (1995, p. 145), é

a partir da Idade Média que o casamento, tal como conhecemos na atualidade, se instaura. Na tentativa de controlar a sexualidade, (...) o casamento é defendido pela Igreja Católica como uma maneira de controlar o pecado, visto que o amor entre o homem e a mulher era entendido como rival do amor de Deus.

A igreja católica tinha uma forte influência na concepção do amor e do casamento na Idade Média. Com o advento do Cristianismo na Europa, os cultos pagãos eram olvidados, ou praticados às escondidas. Rougemont (1988, p. 56) lembra que “a primitiva Igreja foi uma comunidade de fracos e desprezados”, porém, “a partir de Constantino e, mais tarde, dos imperadores carolíngios, suas doutrinas se tornaram apanágio dos príncipes e das classes dominantes que, pela força, as impuseram a todos os povos do Ocidente” (Rougemont, 1988, p. 56). A igreja promovia a ideia de que o amor verdadeiro deveria ser direcionado somente a Deus. O amor carnal ou o desejo sexual eram vistos como algo que necessitava ser controlado.

A única forma de canalizar a sexualidade de forma aceitável era o casamento, mas o amor romântico entre os cônjuges não era necessariamente visto como o principal motivo para a união. Embora o amor cortês tenha oferecido uma visão idealizada e romântica do amor, o casamento era mais uma questão de alianças e deveres sociais do que de realização pessoal. Com o tempo, especialmente a partir do final da Idade Média e durante a Renascença, o conceito de amor romântico começou a evoluir e se tornar um aspecto central do casamento, refletindo mudanças nas atitudes culturais e sociais em relação ao amor e às relações interpessoais. Pierre Grimal (1991, p. 2) adverte: “o amor não é apenas paixão, também pode ser razão que perpetua as raças e garante a continuidade do culto aos ancestrais”.

O amor cortês, que surgiu no século XII, idealizava o amor romântico, apresentando-o como um sentimento puro e espiritual, muitas vezes fora do alcance da realidade cotidiana. De acordo com Rougemont (1988, p. 56), para os antigos, o casamento, por exemplo, só tinha uma significação utilitária e limitada, sem o envolvimento emocional que se valoriza em muitas culturas contemporâneas. Os costumes permitiam o concubinato, evidenciando, dessa forma, que as relações extraconjugais eram socialmente aceitas e comuns.

No Renascimento, houve um movimento significativo em direção à integração dos sentimentos de amor e afeição com o desejo físico. Este período viu o surgimento de novas ideias sobre o romance e o amor, com uma ênfase renovada na expressão pessoal e na individualidade. Contudo, o casamento ainda era amplamente visto através de uma lente econômica e política. Muitas vezes, casamentos eram arranjados para fortalecer alianças familiares, aumentar riquezas ou melhorar *status* social, e o amor romântico, embora valorizado, não era o principal motivo para a união conjugal.

Durante o Renascimento, a filosofia e a literatura começaram a explorar mais profundamente a ideia de que o amor verdadeiro poderia e deveria ser uma parte do casamento. Autores e pensadores da época, como Francesco Petrarca e William Shakespeare, começaram a expressar a ideia de que o amor poderia ser uma força fundamental e desejável dentro do casamento. Entretanto, foi no século XIX, no contexto ocidental, que a ideia do amor romântico começou a se afirmar como um valor cultural. Esse desenvolvimento pode ser associado à ascensão de uma cultura individualista, que surgiu com o capitalismo. Conforme destaca Branden (1998, p. 43),

pela primeira vez na história da humanidade foi reconhecido explicitamente que os seres humanos deveriam ser livres para escolher seus próprios compromissos. A liberdade intelectual e a liberdade econômica surgiram e prosperaram juntas. Os seres humanos descobriram o conceito dos direitos individuais.

Já no Classicismo, o amor romântico é uma manifestação complexa que reflete a busca por equilíbrio, harmonia e beleza, influenciada pelos ideais da Antiguidade. Através da literatura e das artes, os artistas e escritores da época exploraram o amor de formas que valorizavam tanto a perfeição estética quanto a profundidade emocional. O legado desse período continua a influenciar a maneira como o amor é representado e compreendido na cultura contemporânea, evidenciando a duradoura relevância das ideias clássicas.

O amor romântico é caracterizado pela idealização intensa do objeto amado, que é considerado extremamente valioso e difícil de encontrar. Regina Navarro Lins, em sua obra *A cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito do amor e sexo*, argumenta que “a essência do amor romântico é considerar o objeto amado imensamente precioso e muito difícil de possuir. Grandes e variados esforços são desenvolvidos para conquistar o amor desse objeto” (Lins, 2007. p.85). A essência do

amor romântico está na combinação de valorização idealizada e esforço significativo para alcançá-lo. A dificuldade em conquistar o amor desejado não apenas intensifica seu valor, mas também enriquece a profundidade da experiência amorosa, tornando o processo de conquista uma parte fundamental dessa experiência.

O amor romântico, amplamente retratado em produtos midiáticos como telenovelas e filmes, é fruto de uma mudança significativa de mentalidade. Seu surgimento está vinculado à transição do casamento baseado em interesses econômicos e alianças familiares para a ideia de maior liberdade na escolha individual. Essa nova abordagem permitiu que as pessoas escolhessem seus parceiros com base em atração, desejo ou afinidade. Embora o amor romântico tenha ganhado força e sido amplamente utilizado no século XX, suas raízes na história ocidental remontam a períodos bem anteriores, especificamente ao século XII. Como destaca Fernando Pessoa (1997, p. 45),

o amor romântico é um produto extremo de séculos sobre séculos de influência cristã; e, tanto quanto à sua substância, como quanto à sequência do seu desenvolvimento, pode ser dado a conhecer a quem não o perceba comparando-o com uma veste, ou traje, que a alma ou a imaginação fabriquem para com ele vestir as criaturas, que acaso apareçam, e o espírito ache que lhes cabe. Mas todo o traje, como não é eterno, dura tanto quanto dura; e em breve, sob a veste do ideal que formamos, que se esfacela, surge o corpo real da pessoa humana, em quem o vestimos. O amor romântico, portanto, é um caminho de desilusão.

Para Pessoa (1997), o amor romântico é inevitavelmente um caminho que leva ao desengano, pois, ao idealizar o outro, acabamos ignorando sua humanidade e imperfeições. Quando a fantasia se desfaz, resta o corpo real, a pessoa concreta, muitas vezes distante da imagem idealizada.

O amor romântico na modernidade, especialmente nos movimentos literários do Naturalismo e do Realismo, sofreu profundas transformações, refletindo as mudanças culturais e sociais da época. Esses movimentos, que surgiram no final do século XIX, marcaram uma ruptura com o Romantismo idealizado e passaram a retratar o amor de forma mais crua, realista e, muitas vezes, desencantada.

À luz da contemporaneidade, Bauman (2004) ressalta que a ansiedade permeia as relações amorosas na modernidade líquida. Para o autor, “nos compromissos duradouros, a líquida razão moderna enxerga a opressão; no engajamento permanente percebe a dependência incapacitante” (Bauman, 2004, p. 65). O

sociólogo sugere que a razão moderna, orientada pela busca de flexibilidade e autonomia, tende a perceber o engajamento a longo prazo como algo que gera dependência e retira a liberdade de ação (Bauman, 2004).

O temor de se entregar por completo a alguém é alimentado pela percepção de que, em algum momento, o outro pode não corresponder às expectativas ou simplesmente optar por seguir um novo caminho. Assim, amar plenamente significa expor-se ao risco de ser usado ou de que a dedicação seja vista como uma forma de dependência, levando à vulnerabilidade emocional.

Para Bauman, (2008, p.29), “desenvolvemos o crônico medo de sermos deixados para trás, de sermos excluídos”. Nesse contexto, o receio de ser abandonado emerge como uma resposta aos laços afetivos na modernidade. O individualismo crescente, aliado à ênfase na flexibilidade e autonomia da sociedade atual, contribui cada vez mais para uma dinâmica de relacionamentos frágeis, em que o compromisso a longo prazo parece cada vez mais complexo.

Ainda em meados do século XX, a representação social dominante no Ocidente do relacionamento bem-sucedido era frequentemente caracterizada pela imagem do homem provedor e da mulher domesticada. Conforme Bruckner e Finkelkraut (1981, p. 121),

o casamento de inclinação é uma conquista recente: somente há pouco tempo é que os parceiros começaram a escolher-se livremente e, deixando de lado qualquer outra preocupação além da sentimental, passaram a casar a partir de um eu te amo!

A ideia de que os parceiros deveriam escolher-se livremente com base no amor romântico, sem outras preocupações além do sentimento de "eu te amo", é uma concepção relativamente nova e surgiu mais proeminentemente a partir do final do século XIX e início do século XX. Ao longo das décadas de 1900, o amor deixou de ser apenas um ideal enraizado em convenções tradicionais e se tornou um campo de tensões entre a busca por liberdade individual e o desejo de conexão emocional duradoura.

O movimento hippie, com seu lema “amor e paz”, representou uma ruptura com as normas estabelecidas, incentivando a liberdade sexual e o amor livre como oposição à repressão do prazer e às convenções tradicionais de casamento e relacionamento. Esse movimento, ocorrido no final do século XX, trouxe uma forte

crítica às instituições sociais que regulamentavam os papéis de homens e mulheres, como o casamento monogâmico, a família patriarcal e a educação rígida. O amor, antes visto como sinônimo de compromisso e sacrifício, passou a ser reinterpretado sob a ótica da liberdade e da espontaneidade, valorizando mais o prazer individual e a busca por satisfação pessoal.

O amor, nos dias atuais, é caracterizado por uma ampla gama de formas e práticas, refletindo mudanças na sociedade, na tecnologia e nas expectativas individuais. A diversidade, a igualdade e a realização pessoal são aspectos centrais que moldam as experiências amorosas contemporâneas, desafiando e enriquecendo as tradições estabelecidas. Como diz Bauman (2004, p. 16) sobre a fluidez dos relacionamentos na sociedade contemporânea,

em nosso mundo de furiosa individualização, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam embora em diferentes níveis de consciência. No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência. E por isso, podemos garantir, que se encontram tão firmemente no cerne das atenções dos modernos e líquidos indivíduos-por-decreto, e no topo de sua agenda existencial.

Os relacionamentos refletem e amplificam as características da modernidade líquida, revelando a tensão entre a busca por conexão e a instabilidade que marca a vida contemporânea. A monogamia é uma forma de relacionamento na qual duas pessoas são exclusivamente comprometidas uma com a outra. Esse tipo de relação existe desde a antiguidade, porém, na contemporaneidade, a monogamia evoluiu para o relacionamento aberto no qual o casal concorda em permitir que um ou ambos os parceiros se envolvam em relacionamentos sexuais com outras pessoas, mas sem manter o vínculo romântico.

O relacionamento *Swinger* também está presente na sociedade atual. Neste os casais trocam de parceiros sexuais, muitas vezes em um ambiente social organizado, mantendo o vínculo romântico principalmente entre eles. Relacionamentos de amizade amorosa também são aceitos na contemporaneidade. Neste tipo de envolvimento, as pessoas têm uma conexão emocional e podem compartilhar aspectos íntimos e sexuais sem a expectativa de compromisso sólido além da amizade.

Na sociedade atual, há uma ampla gama de tipos e formas de amor e de relacionamentos. É amplamente aceito na contemporaneidade o poliamor, que é um relacionamento em que os parceiros têm permissão para ter múltiplos casos amorosos e/ou sexuais simultaneamente, com aceitação de todos os envolvidos. Segundo Freire (2013, p. 43),

a filosofia adotada no poliamor considera que amar uma única pessoa pelo resto da vida é algo inconcebível, que o amor não deve excluir o mundo ou as pessoas. Desse modo, os indivíduos podem amar e ser amados por mais de uma pessoa simultaneamente; esta é a lógica que esta ideologia procura defender. Contudo, para que essa forma de relacionamento seja possível, seus adeptos tendem a cultivar princípios que são norteadores para tal prática. Dois princípios se destacam: honestidade e consenso.

O conceito de poliamor, conforme descrito por Freire, reflete uma abordagem filosófica que questiona a ideia tradicional de exclusividade romântica e defende uma forma mais expansiva e inclusiva de relacionamentos amorosos.

2.1 O AMOR E A MULHER NEGRA: PERCURSOS E RESISTÊNCIAS

“Nossa confusão em relação ao que queremos dizer quando usamos a palavra ‘amor’ é a origem de nossa dificuldade de amar” (hooks, 2021, p.45). bell hooks convida seus leitores, logo no primeiro capítulo de seu livro *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*, a questionar as definições de amor, e esse passo é essencial para compreendermos esse sentimento ao qual a autora se refere. Para tanto, precisamos partir do propósito de que o amor é uma ação.

Segundo hooks, a palavra "amor" é um substantivo, porém a maioria dos teóricos mais perspicazes dedicados ao tema reconhecem que todos nós amaríamos melhor se considerássemos o amor como uma ação (hooks, 2021, p. 46). No livro *Escrever além da raça: teoria e prática*, bell hooks (2022) apresenta uma definição impactante sobre o amor. De acordo com a autora, exercer o amor significa também atuar contra a dominação. Ela o descreve como a união de cinco elementos essenciais: claro, comprometimento, conhecimento, responsabilidade e confiança (hooks, 2022, p. 298).

Diferentemente das concepções tradicionais de amor, que muitas vezes romantizam a entrega e a idealização do parceiro, o amor vivido pelas mulheres negras carrega uma complexidade singular. Ao longo da história, suas relações afetivas foram atravessadas por experiências de resistência, exclusão e ressignificação, moldando um tipo de amor que se distingue das narrativas predominantes. Enquanto os discursos ocidentais sobre o amor exaltam a busca pela plenitude emocional através do outro, as mulheres negras frequentemente enfrentaram a necessidade de autossuficiência, muitas vezes construindo redes de apoio entre si para suprir a carência afetiva imposta por uma sociedade que historicamente as marginalizou. Essa autossuficiência não se traduz apenas em solidão, mas em um processo de ressignificação do amor que valoriza o autocuidado, a irmandade e a formação de laços afetivos que fogem às tradicionais estruturas românticas impostas pelo imaginário branco ocidental.

A experiência amorosa e afetiva das mulheres negras é profundamente atravessada por dinâmicas de exclusão e resistência. Enquanto a sororidade se apresenta como um conceito fundamental na luta feminista, ela nem sempre contempla as especificidades das mulheres negras, cujas vivências são marcadas

pela interseccionalidade entre racismo e sexismo. Vilma Piedade (2017) criou o conceito de *dororidade* para expressar a experiência singular das mulheres negras, algo que a ideia de *sororidade* não contemplava plenamente. Em um encontro sobre a participação política das mulheres, a escritora e ativista apresentou esse termo a Marcia Tiburi, que reconheceu sua relevância. Piedade (2017), intelectual e feminista negra, destaca a necessidade de incluir as vivências das mulheres negras no feminismo e reforça a importância de ocupar espaços de poder, combatendo a exclusão histórica na esfera política e social. Nesse contexto, surge a necessidade de um novo olhar sobre as dores que acompanham essas trajetórias, dores que não são universais, mas intensificadas pela cor da pele e pela estrutura social que perpetua desigualdades:

A sororidade parece não dar conta da nossa pretitude. Foi a partir dessa percepção que pensei em outra direção, num novo conceito que, apesar de muito novo, já carrega um fardo antigo, velho conhecido das mulheres: a Dor – mas, neste caso, especificamente, a dor que só pode ser sentida a depender da cor da pele. Quanto mais preta, mais racismo, mais dor. (Piedade 2017, p. 16)

Vilma Piedade (2017) apresenta *dororidade* como um conceito poderoso, repleto de amor, afeto e conexão, elementos fundamentais para a resistência e continuidade das mulheres negras. Em sua obra, ela provoca uma reflexão, questionando se a *sororidade* realmente abarca as experiências das mulheres pretas e de suas juventudes, ressaltando a urgência de um olhar mais inclusivo e específico para suas realidades. O amor pode ser entendido como a união de sentimentos, o estar e crescer junto ao outro, permitindo a expansão e o fortalecimento das emoções. Contudo, ao analisar as relações de poder e abusos vividos pelo povo negro ao longo da história, marcada pelo serviço laboral e sexual, percebemos que a dor histórica ainda sobrepõe à plena expressão do amor. O ideário de inferioridade continua presente na sociedade, perpetuado pelos estereótipos que impomos, muitas vezes, em busca da ‘aceitação’ do sujeito negro pelo sujeito dominante:

O sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem seu crescimento espiritual. Falo de condições difíceis, não impossíveis. Mas precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar. (hooks, 2010, p.1)

A opressão que se manifesta em diversos aspectos como a escravidão, o racismo e as divisões sociais distorcem a capacidade de amar. Isso se dá porque o amor, para brancos, envolve liberdade, dignidade e ausência de sofrimento imposta por estruturas de poder. Quando as pessoas negras são subjugadas e desumanizadas por essas estruturas, isso pode dificultar uma vivência plena do amor, não apenas em suas relações com outros, mas também consigo mesmas e com o mundo ao seu redor. Como enfatiza hooks (2010, p. 6), “o amor precisa estar presente na vida de todas as mulheres negras, em todas as nossas casas. É a falta de amor que tem criado tantas dificuldades em nossas vidas, na garantia da nossa sobrevivência”.

No processo de descolonização, ou seja, no movimento de liberação das ideias e práticas que foram colonizadas pela cultura dominante, hooks sugere que é fundamental observar e compreender como o carinho e o amor entre as pessoas negras podem criar conexões mais profundas e libertadoras. O amor, então, vai além de um simples afeto; ele se torna um ato de cura e empoderamento, essencial para a construção de uma comunidade forte e solidária diante das adversidades.

As mulheres negras que escolhem (e aqui enfatizo a palavra "escolhem") praticar a arte e o ato de amar, devem dedicar tempo e energia expressando seu amor para outras pessoas negras, conhecidas ou não. Numa sociedade racista, capitalista e patriarcal, os negros não recebem muito amor. E é importante para nós que estamos passando por um processo de descolonização, perceber como outras pessoas negras respondem ao sentir nosso carinho e amor. (Hooks, 2010, p.10)

Nesse contexto, o amor se torna uma prática revolucionária, uma forma de resistência à desumanização imposta constantemente pela sociedade. Para as mulheres negras, que muitas vezes enfrentam diversas formas de opressão (pelo racismo, machismo e classismo), o ato de oferecer amor para outras pessoas negras torna-se uma forma de proteção coletiva e de fortalecimento da identidade.

Considerando a relevância de se discutir a construção da afetividade, conforme abordado nos trabalhos acadêmicos de Claudete Alves, com sua pesquisa intitulada *A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo* (2008), e no livro *Mulher negra: afetividade e solidão*, que é o resultado da tese de doutorado de Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013), a solidão

da mulher negra emerge como consequência dos efeitos da interseccionalidade entre racismo e sexismo. Nesse contexto, o presente estudo contribui para o fortalecimento da identidade e da afetividade dessas mulheres, ao problematizar os impactos das estratégias opressivas em suas relações.

Conforme Pacheco (2008, p. 1) ressalta, “é sobre o ato de amar e ser amada que as representações elaboradas a respeito do corpo da negra/mestiça se alojam as posições sociais prescritas em que se estruturam suas escolhas e afetividade”. Fanon (2008) explica que, quando o Ocidente se refere à humanidade, utiliza como referência a branquitude e atribui aos negros todos os aspectos que consideram negativos à experiência humana: “A emoção é negra como a razão é grega” (Fanon, 2008, p. 116). O fato de negligenciar a vida afetiva mostra que não somente internalizamos, como aceitamos essa forma de pensar como legítima, e vestimos a “máscara branca” para sermos aceitos como humanos. Por isso, demoramos tanto tempo para reconhecer o amor como uma necessidade real.

3 DE AMOR E SOLIDÃO: AS RELAÇÕES AMOROSAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA*

Em seu diário intitulado *Quarto de Despejo*, a personagem principal e narradora Carolina Maria de Jesus explora recortes da complexidade da vida na favela. Além do cotidiano descrito por ela, encontramos também relatos de suas relações amorosas em meio à solidão e à pobreza durante sua estadia na favela do Canindé.

A narradora do diário vive em situação de vulnerabilidade, sendo uma mulher preta, mãe solo de três filhos que tem como profissão catar papel para manter sua sobrevivência e a dos seus filhos. Ela busca afeto e compreensão, mas frequentemente se depara com relações desiludidas e efêmeras, enfrentando a dureza dos vínculos que muitas vezes são superficiais e passageiros. O amor é uma necessidade humana, mas também pode ser uma fonte de sofrimento, refletindo suas esperanças e frustrações. É sabido que o amor pode oferecer momentos de alegria, entretanto também pode acabar em desencanto, abandono e solidão, especialmente quando as situações sociais, raciais e econômicas tornam esses vínculos frágeis.

A luta da protagonista de *Quarto de Despejo* por amor é um espelho de sua resistência e vulnerabilidade na busca por dignidade e pertencimento, luta que milhares de mulheres pretas em situações semelhantes enfrentam diariamente. Elas enfrentam desafios graves, incluindo racismo, desigualdade social e estereótipos que muitas vezes desumanizam suas experiências e anseios. Ao longo dos séculos, a relação das mulheres pretas com o amor tem sido um campo de batalhas, redefinições e resistência. No Brasil, Silva (2018, p.1) salienta que,

o sistema colonial, com suas práticas de sujeição e subjetivação/objetificação, praticou violências simbólicas, psíquicas e físicas, e sua herança e consequências se perpetuam até hoje. Durante o período colonial, à população não branca, particularmente à população negra escravizada, foi-lhe negada a liberdade da expressão de suas emoções, de sua subjetividade afetiva e da oportunidade de constituir e manter laços e família.

Silva (2018) ressalta a ideia de que o sistema colonial e escravocrata além de instituir violências físicas, ainda impôs uma violência simbólica e psicológica que delineia as subjetividades das pessoas pretas. Esse sistema de opressão não só subjugou os corpos, como também dominou e reprimiu as emoções e a afetividade das pessoas escravizadas. A herança dessa repressão colonial continua presente na

forma como as pessoas pretas enfrentam desafios para manifestar suas emoções, criar e conservar laços afetivos e familiares em sociedades nas quais o racismo estrutural ainda está evidente.

A narradora da obra *Quarto de despejo* enfrenta grandes marcas da escravização na sua experiência como mulher preta, vivendo em uma favela de São Paulo, visto que lida com as consequências históricas da opressão escravocrata, que deixou um legado de desigualdade social, pobreza e exclusão. Dentre os muitos relatos de desconsolos, ela declara:

A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro (Jesus, 1986, p. 144).

Ao afirmar que sua vida "tem sido preta", a escritora da favela evoca não apenas a sua identidade racial, mas também o legado de opressão e resistência que permeia a experiência de muitos descendentes de escravizados. A protagonista enfrenta uma série de desafios no campo afetivo. O seu contexto social, marcado por privações e luta pela sobrevivência, faz com que suas relações amorosas também sejam permeadas por abandono, violência e desilusão. Consequentemente, a "preta" a que ela se refere transcende a questão racial e assume uma conotação de solidão e opressão, estendendo-se à toda sua vida, incluindo a amorosa, que estava atrelada aos desafios de ser uma mulher preta e pobre. A moradora do Canindé passou por várias decepções amorosas ao longo de sua vida, que influenciaram profundamente sua visão sobre relacionamentos diante da sua condição como mulher preta e mãe solteira. Em um dos seus relatos, podemos observar experiências de solidão afetiva:

Subi a Avenida Tiradentes catando papel. Cheguei na rua Frei Antonio Santana de Galvão 17, trabalhar para a Dona Julita. Ela disse-me para eu não iludir com os homens que eu posso arranjar outro filho e que os homens não contribui para criar o filho. Sorri e pensei: em relação aos homens, eu tenho experiências amargas. Já estou na maturidade, quadra que o senso já criou raízes (Jesus, 2014, p. 34-35).

O aviso de Dona Julita para não se iludir com os homens é considerável. Ela reconhece a realidade dura que a mulher favelada enfrenta, posto que geralmente os homens não assumem a responsabilidade que deveriam em relação à família. Nascimento (2006) sublinha que as mulheres pretas estão em situação de

desvantagem afetiva, muitas vezes as posicionando como escolhas menos desejáveis para relacionamentos sérios ou casamento, “[e]m uma sociedade plurirracial, que privilegia padrões estéticos femininos como ideal de um maior grau de embranquecimento (desde a mulher mestiça até à branca)” (Nascimento, 2006, p. 129).

Ao viver em uma sociedade plurirracial, como bem descrito por Nascimento, em que os padrões estéticos femininos são hierarquizados pelo grau de embranquecimento, a mulher favelada se percebe como alguém que não se encaixa no modelo de figura feminina idealizada, valorizada para um relacionamento sério. A resposta de Carolina, que já tem "experiências amargas" com os homens, revela sua maturidade e o abandono do mito do amor romântico. Ela já viveu o suficiente para entender que a promessa de um amor idealizado não se cumpre para mulheres como ela. O romantismo, com suas ideias de entrega total, resgate e felicidade através do amor, não faz parte da sua vivência.

A realidade que a catadora de papel retrata é marcada por relações de exploração, abandono e responsabilidades desiguais, nas quais os homens não contribuem para a criação dos filhos nem para a estabilidade da família. Claudete Souza (2013, p. 42) descreve que, em muitos casos, a família é formada por mãe solo e pai desconhecido, e atribui esse fato à intensa liberdade sexual na vida do homem. Para a autora, “os homens ficam livres para terem múltiplos relacionamentos fora do casamento sem que houvesse prejuízo social a perda de regalias” (Souza, 2013, p. 42). Nesse contexto, os homens muitas vezes não assumem suas responsabilidades familiares, perpetuando um ciclo de desigualdades e dificuldades para as mulheres.

Em um outro relato de angústia e desespero, a personagem expressa uma preocupação intensa em relação à saúde da filha e à ausência de um suporte paterno: “E se a doença fosse piorar? Eu não posso contar com o pai dela. Ele não conhece a Vera. E nem a Vera conhece ele. Tudo na minha vida é fantástico. Pai não conhece filho, filho não conhece pai” (Jesus, 2014, p.56). A ausência do pai de seus filhos e a dificuldade de sustentar a família sozinha podem ter criado um ciclo de insegurança e medo da protagonista se abrir para novos relacionamentos amorosos.

A personagem vivencia essa falta de apoio e a complexidade emocional que vem com ela, o que pode a ter levado a evitar amar ou se comprometer amorosamente, temendo a repetição de situações que a magoaram. Essa experiência de solidão e falta de apoio pode fazer com que ela considere o amor como algo

arriscado ou mesmo doloroso. Para Ribeiro (2018, p. 87), “mãe é um ser humano, e não alguém com superpoderes. Por trás de uma mãe que aguenta tudo há uma mulher que desistiu de muita coisa e um pai ausente desculpado pelo patriarcado”. Ribeiro ressalta que as mães, especialmente as que enfrentam a maternidade sozinhas, encaram uma série de sacrifícios e pressões.

A falta de apoio paterno pode, de fato, influenciar a decisão de uma mãe solteira em não buscar novos relacionamentos. Quando a figura paterna está ausente, isso muitas vezes gera um peso emocional e prático significativo sobre a mãe, que pode se sentir sobrecarregada e, conseqüentemente, cautelosa em se abrir para novos amores. Em um outro momento, a personagem recebe um convite de seu Gino, um possível pretendente:

Seu Gino veio dizer-me para eu ir no quarto dele. Que eu estou lhe despresando. Disse-lhe: Não!
 É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela. Não tenho tempo para ir na casa de ninguém. Seu Gino insistia. Ele disse:
 — Bate que eu abro a porta.
 Mas o meu coração não pede para eu ir no quarto dele. (Jesus, 2014, p.24)

A protagonista parece estar tão focada em seus objetivos e na construção de uma nova vida que não se sente à vontade para se abrir para novas relações amorosas. A busca por uma estabilidade financeira e emocional muitas vezes ocupa o lugar de relacionamentos afetivos, especialmente em situações de vulnerabilidade. Em outro relato do seu diário, a autora reflete sobre suas escolhas e sobre a frustração que sente em relação aos relacionamentos e à maternidade: “Tive sonhos agitados. Eu estava tão nervosa que se eu tivesse azas eu voaria para o deserto ou para o sertão. Tem hora que eu revolto comigo por ter iludido com os homens e arranjado estes filhos” (Jesus, 2014, p.73). A revolta interna sugere um conflito entre o que ela esperava da vida e a realidade que enfrenta, o que é comum em experiências de mães solo. Em outro relato do seu diário, a narradora prioriza suas responsabilidades como mãe em vez de se envolver em relacionamentos românticos:

O senhor Manoel apareceu. Quando eu voltava do depósito de papel, ele vinha acompanhando-me. Deu-me 200 cruzeiros, eu não quis aceitar.

—Você não me quer mais?

—Eu tenho muito serviço. Não posso preocupar com homens. Meu ideal é comprar uma casa decente para os meus filhos. Eu, nunca tive sorte com homens. Por isso não amei ninguém. Os homens que passaram na minha vida só arranjaram complicações para mim. Filhos para eu criá-los. Ele despediu-se e pegou os 200 cruzeiros e saiu (Jesus, 2014, p. 164).

A autora do diário mostra-se estar consciente de suas responsabilidades e desafios, priorizando o bem-estar dos filhos em detrimento de relacionamentos que trouxeram mais complicações do que alegrias. Carolina Maria de Jesus, assim como as mulheres mencionadas por Claudete Alves (2010), em “Virou Regra”, passou uma vida de solidão e sobrecarga:

Encontramos, assim, mulheres forras e livres, na sua grande maioria, solitárias, muitas vezes mães solteiras, como eixo central de seus lares e que, por não terem casado, seja por escolha voluntária, seja por dificuldades sociais ou por preterimento do parceiro, não vivenciaram uma condição de acesso social ou estabilidade amorosa. (Alves, 2010, p. 42)

A personagem principal do *Quarto de despejo* tem o papel de "eixo central" do seu lar, ela é responsável pelo sustento e cuidado da família, em um ambiente de pobreza e exclusão social. Ao trabalhar como catadora de papel para sustentar seus filhos, ela ilustra essa força e resiliência, características de mulheres pretas que, muitas vezes, são limitadas a se tornarem autossuficientes e a colocarem toda sua força e energia nos filhos, deixando de lado outras áreas da sua vida para favorece-los. Carolina Maria de Jesus tinha a responsabilidade de ser provedora da casa. Como mãe solo, enfrentava uma série de desafios que a colocavam em uma posição de grande responsabilidade. Em um de seus desabafos, podemos observar a menção à ausência de um homem em casa, destacando a solidão que vivia, sendo a única responsável por seu lar e seus filhos, o que traz um peso significativo para suas atividades diárias:

Terminaram a refeição. Lavei os utensílios. Depois fui lavar roupas. Eu não tenho homem em casa. E só eu e meus filhos. Mas eu não pretendo relaxar. O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela. (Jesus, 2014, p.18).

O relato da personagem ressalta a força e resiliência de uma mulher que luta por dignidade em meio a condições adversas. A falta de um homem em sua vida não é apenas uma questão de ausência física, mas uma reflexão profunda sobre o que significa estar sozinha em uma sociedade que marginaliza as mulheres pretas e em situação de vulnerabilidade. Em um momento seguinte a personagem ressalta novamente sua condição: “Refleti: preciso ser tolerante com os meus filhos. Eles não têm ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar” (Jesus, 2014, p.19). A maternidade pode ser solitária, pesada e desafiadora especificamente para a protagonista do diário que representa um conjunto de mulheres pretas, discriminadas pela sociedade, desvalorizadas no campo profissional e vistas como objetos para serem utilizados sexualmente pelos homens e nunca como mulheres para casar e formar família. A própria Carolina relata ter passado por situações desagradáveis com homens que desejavam apenas se satisfazer sexualmente com ela:

[...] Quando eu voltava encontrei com o Nelson da Vila Guilherme. Disse algo que eu não gostei. Fingi que não compreendia o que ele dizia.
—Mas você é tão inteligente e não compreende porque é que eu ando atrás de você? (Jesus, 2014, p.70).

Apesar da personagem não se identificar como uma mulher jovem e atraente, como ela registra em seu diário: “Hoje eu fui me olhar no espelho. Fiquei horrorizada. O meu rosto é quase igual ao de minha saudosa mãe. E estou sem dente. Magra. Pudera! O medo de morrer de fome!” (Jesus, 2014, p. 152), ela ainda despertava o desejo de muitos homens, que a viam como um objeto de satisfação momentânea. Muitas mulheres pretas não têm relacionamentos duradouros e acabam sozinhas, pois a objetificação e a sexualização descartam a possibilidade de serem levadas a sério ou assumidas em público. bell hooks (1995, p. 469), em sua obra *Intelectuais Negras*, assinala essa realidade:

Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas ‘só corpo, sem mente’. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as ‘mulheres desregradas’ deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de

corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado.

hooks (1995) destaca como a história da escravidão moldou a percepção dos corpos femininos negros, reduzindo-os a meros instrumentos de reprodução e satisfação sexual. Muitas vezes o homem enxerga a mulher preta apenas como um corpo disponível para satisfação dos seus desejos. Mesmo com toda sua vulnerabilidade, a catadora de papel ainda era objeto de desejo sexual. Mas raramente ela era vista em sua totalidade como mulher que merece um olhar atencioso e afetuoso. A submissão e a exploração das mulheres negras são evidentes não apenas no trabalho forçado, mas também na objetificação de seus corpos, que se tornaram alvos de violência e abuso como afirma Ângela Davis (2016), autora feminista que retrata, em sua obra *Mulheres, Raça e Classe*, este processo enfrentado pelas mulheres pretas:

O pensar, o agir e ser da mulher negra escravizada tornou-se subordinado à cultura europeia elitista, a qual colocou a mulher negra na condição de vítima de muitos algozes, objeto explorado na mão de obra escravista (lavoura, serviços domésticos) e também objeto de satisfação do desejo sexual de seus donos, de capatazes e até mesmo de outros negros, constantemente desrespeitada e subordinada e explorada, tratada como um mero objeto e não um ser humano. (Davis, 2016, p. 102)

Davis (2016) ressalta a desumanização e a opressão enfrentadas pelas mulheres pretas durante o período da escravidão, refletindo como a cultura europeia elitista moldou essa experiência. Na sociedade atual ainda são perceptíveis os traços da desumanização com as mulheres pretas. Em outro trecho, Davis (2016) enfatiza como o estupro era uma forma de afirmação do poder dos proprietários sobre as mulheres pretas, refletindo tanto a opressão racial quanto a sexual. Essa interseção de opressões ilustra como as estruturas de dominação se entrelaçam, permitindo uma exploração ainda mais brutal das mulheres pretas. O fato de que os proprietários pudessem ignorar suas próprias normas sexistas para explorar as mulheres mostra como a necessidade de controle e poder se sobrepunha a qualquer moralidade:

Como mulheres, as escravas eram inerentemente vulneráveis a todas as formas de coerção sexual. Enquanto as punições mais violentas impostas aos homens consistiam em açoitamentos e mutilações, as

mulheres eram açoitadas, mutiladas e também estupradas. O estupro, na verdade, era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras. Os abusos especialmente infligidos a elas facilitavam a cruel exploração econômica de seu trabalho. As exigências dessa exploração levavam os proprietários da mão de obra escrava a deixar de lado suas atitudes sexistas ortodoxas, exceto quando seu objetivo era a repressão. (Davis, 2016, p. 20).

Enquanto a escritora autodidata expressava suas inseguranças como mãe solo na favela, enquanto lamentava a falta de alimento e perdia o sono com pesadelos de desesperanças, havia homens que a reduziam a um corpo disponível, que não era visto em sua totalidade, mas apenas em relação ao que podia oferecer sexualmente a eles:

Fui no senhor Eduardo comprar querosene, óleo, e tinta para escrever. Quando eu pedi o tinteiro, um homem que estava perto perguntou-me se eu sabia ler. Disse-lhe que sim. Ele pegou o lapis e escreveu: A senhora é casada? Se não for quer dormir comigo? Eu li e entreguei-lhe, sem dizer nada. (Jesus, 2014, p. 100-101)

A narradora dos diários revela de forma impactante a objetificação e a desumanização que ela e outras mulheres negras enfrentam. A cena começa com um ato simples de compra, mas rapidamente se transforma em uma situação de assédio, em que a mulher é reduzida a um mero objeto de desejo sexual. A abordagem do homem, que questiona se ela é casada e sugere uma relação íntima, destaca a maneira como muitas vezes as mulheres pretas são vistas apenas em termos de sua disponibilidade sexual. Em um outro episódio, a protagonista narra:

8 DE JANEIRO ...Encontrei com o motorista que veio despejar a serragem aqui na favela. Convidou-me para entrar no caminhão. O motorista loiro perguntou-me se aqui na favela é fácil arranjar mulher. E se ele podia ir no meu barracão. O motorista disse-me que ele ainda estava em forma. O ajudante dizia que o motorista já havia aposentado (Jesus, 2014, p.130)

Essas experiências, que podem parecer cotidianas, revelam as estruturas sociais que sustentam a objetificação e a desigualdade que acontecem diariamente com mulheres pretas. Essas situações podem ter impactado a maneira que a protagonista de *Quarto de despejo* enxergava os homens. A catadora de papel também narra uma cena que expressa desconfiança e descontentamento em relação

aos "português", associando-o a comportamentos desrespeitosos e manipuladores, especialmente em relação às mulheres pretas em condição de vulnerabilidade:

Quando cheguei na favela tinha um português vendendo miúdo de vaca. Comprei meio quilo de bucho. Mas eu não gosto de negociar com português. Eles não tem educação. São obscenos, pornográficos e estúpidos. Quando procura uma preta é pensando explorá-la. Eles pensam que são mais inteligentes do que os outros. O português disse para a Fernanda que lhe dava um pedaço de fígado se ela lhe aceitasse. Ela não quis. Tem preta que não gosta de branco. Ela saiu sem comprar. Ele deixou de vender por ser atrevido. (Jesus, 2014, p.78)

As cenas acima, mostrando as propostas feitas para Carolina e Fernanda, revelam a objetificação e o assédio que elas enfrentavam, denunciando que as mulheres negras não são consideradas com muito valor e, se elas estiverem em condições de desfavorecimentos, valem muito menos. As diversas formas de violência, sofrimento emocional e desigualdades nas relações afetivas no ambiente da favela também podem ter contribuído para as escolhas e atitudes em relação ao amor e às interações amorosas da catadora de papel. São diversos os relatos de violências entre casais que aconteciam no ambiente da favela do Canindé, e a narradora do diário relata com repúdio às cenas presenciadas, chegando a confessar que está aliviada por não se encontrar casada:

A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas. (Jesus, 2014, p.14)

A menção às "valsas vienenses" simboliza um escapismo, uma busca por uma vida de beleza e tranquilidade que contrasta com o sofrimento ao redor. Essas mulheres enfrentam barreiras significativas para romper com ciclos de violência, pois muitas vezes estão economicamente dependentes de seus agressores. Em um outro trecho, a narradora revela a angustiante realidade de violência doméstica, em que ela não apenas testemunha o espancamento de uma mulher chamada Silva, mas também se preocupa com o impacto emocional e psicológico que isso tem sobre as crianças que presenciam a cena:

A Silvia e o esposo já iniciaram o espetáculo ao ar livre. Ele está lhe espancando. E eu estou revoltada com o que as crianças presenciaram. Ouvem palavras de baixo calão. Oh! se eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente. (Jesus, 2014, p. 11)

A cena ilustra como as mulheres periféricas estão expostas a múltiplas formas de opressão, à violência física, verbal e psicológica por parte de seus parceiros, além da violência estrutural de uma sociedade que falha em proteger e valorizar essas vidas. Silva (2017) traz uma reflexão importante sobre as desigualdades de gênero, enfatizando a inferiorização da mulher como

[...] produto de uma construção social e histórica, que durante longos anos manteve (e por vezes, ainda mantém) inferiorizada a mulher perante o homem. Baseada em uma ideologia machista e patriarcal, essa construção social coloca a mulher como um ser dependente do homem, reforçando assim as desigualdades dos papéis estabelecidos aos sexos e permitindo que as mulheres sofram violências baseadas no gênero (Silva, 2017, p. 18).

Essa opressão é multifacetada, englobando violência física, verbal e psicológica, além da falta de apoio e proteção da sociedade. Essa dinâmica é frequentemente exacerbada por condições socioeconômicas desfavoráveis, que limitam as opções das mulheres e mantêm relações abusivas. A sociedade é resultado de um sistema que perpetua desigualdades, criando um ambiente no qual as mulheres são frequentemente desvalorizadas e subestimadas. Em uma outra cena narrada no diário, Carolina retrata um episódio de violência doméstica, em que Odete está em conflito com seu companheiro:

Ouvi um grito, fui ver o que era. Era a Odete brigando com o seu companheiro, Ela dizia:
—Dona Carolina, vai chamar a Policia! Eu lhe aconselhava para ficar quieta:
—Odete, você está grávida! Eles estavam atracados.
Eu já estou na favela há 11 anos e tenho nojo de presenciar estas cenas. A Odete estava semi-nua com os seios a mostra. (Jesus, 2014, p. 66-67)

Ao testemunhar cenas de violência como a de Odete e seu companheiro, Carolina pode ter desenvolvido uma percepção negativa sobre os relacionamentos românticos. A violência doméstica que presenciava em sua comunidade não só a indignava, mas também a fazia questionar a segurança emocional e física que um

casamento poderia proporcionar. Em outra narração da catadora de papel, o seu Alexandre espancou a sua esposa e filhos:

O senhor Alexandre começou a bater na sua esposa. A Dona Rosa interviu. Ele dava ponta-pé nos filhos. Quando ele ia enforcar a Dona Nena, a Dona Rosa pediu socorro. Então o soldado Edison Fernandes foi pedir ao senhor Alexandre para não bater na sua esposa. Ele não obedeceu e ameaçou o soldado com uma peixeira (Jesus, 2014, p. 81).

Em outra narração de violência, Carolina transmite a intensidade emocional e o impacto psicológico que a agressão física exerce não apenas sobre as vítimas, mas também sobre os espectadores. Essa conexão emocional ressalta como a violência doméstica não afeta apenas o núcleo familiar, mas reverbera em toda a comunidade, criando um clima de medo:

A Dona Rosa correu para socorrer. Em um minuto, a notícia circulou que um homem estava matando a mulher. Ele deu-lhe com um ferro na cabeça. O sangue jorrava. Fiquei nervosa. O meu coração parecia a mola de um trem em movimento. Deu-me dor de cabeça (Jesus, 2014, p. 155).

Situações como estas podem ter levado a catadora de papel a comemorar a falta de um companheiro: “Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis” (Jesus, 2014, p. 14) Carolina não apenas critica a natureza desses relacionamentos, mas também reivindica seu direito a uma vida livre de opressão. Em outra cena narrada, o discurso da protagonista prevalece o mesmo: “Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas” (Jesus, 2014, p. 13-14). Carolina estava ciente que, na situação de mulher preta, o matrimônio nem sempre proporciona segurança ou estabilidade; em muitos casos, ele pode levar a uma maior precariedade e humilhação.

4 ENTRE A ILUSÃO E A REALIDADE: O AMOR ERÓTICO NA VIDA DA PERSONAGEM CAROLINA MARIA DE JESUS EM CASA DE ALVENARIA – DIÁRIO DE UMA EX-FAVELADA

Em *Casa de Alvenaria – Diário de uma Ex-favelada*, Carolina Maria de Jesus externa esperança ao deixar a favela para residir em uma casa de alvenaria, em um terreno comprado por ela. A expectativa da ex-catadora de papel reflete o início de um novo ciclo com novas oportunidades: “Agora, eu estou na sala de visita, o lugar que eu ambicionava viver, saí da favela na hora que as afeições iam avolumando-se. Vamos ver como é que vai ser minha vida aqui na sala de visitas” (Jesus, 2021, p. 32). A mudança para Osasco e a nova vida na “sala de visita” podem representar não apenas uma transformação em suas condições de vida, mas também um recomeço em suas relações amorosas. Deixando para trás a favela e os contextos sociais que afetam sua vida em diversos aspectos, a escritora de *Quarto de despejo* se depara com um ambiente em que as dinâmicas sociais e afetivas podem ser diferentes.

No entanto, essa nova realidade também traz novos desafios. A transição para um espaço social diferente pode criar barreiras emocionais, ao passo que ela se questiona sobre como será aceita nesse novo meio. Ao longo da sua segunda obra, fica notório que a protagonista recebia os mesmos conselhos amorosos para não se casar como quando estava na favela: “Dona Luiza Fiori aconselha-me para não casar” (Jesus, 2021, p. 122). A repetição desse conselho indica que, mesmo em sua nova vida, em uma casa de alvenaria, os ecos das experiências passadas ainda influenciam a vida de Carolina. A pressão social e os medos enraizados na sociedade fazem com que o amor não seja um sentimento destinado para as mulheres como ela.

Em um outro trecho da obra, o conselho se assemelha ao anterior, revelando a perspectiva de Joaquim sobre a relação entre Carolina e a sociedade em que ela se insere, especialmente em relação aos americanos e ao preconceito racial. O aviso para não se iludir com os americanos, que “não gostam de preto”, destaca uma realidade dura e persistente: “O senhor Joaquim ia falando do jornalista David St. Clair, aconselhando-me para não iludir com os americanos, que eles não gostam de preto” (Jesus, 2021, p. 106). Mesmo em meio às novas oportunidades, como o contato com jornalistas e grandes influências no meio da literatura, a personagem principal de *Quarto de despejo* ainda é alvo de racismo. Esse alerta sugere que, embora ela tenha conquistado um espaço na literatura e na sociedade, as barreiras ainda prevalecem especialmente no lado afetivo. Silva (2003) aponta que as mulheres negras no Brasil

continuam a enfrentar desigualdades significativas, refletindo uma continuidade da opressão histórica. Essas desigualdades não se limitam apenas ao mercado de trabalho, mas também se estendem ao âmbito afetivo, pois as mulheres negras muitas vezes se veem em desvantagem, mesmo aquelas que conseguem uma certa ascensão social como Carolina:

A situação da mulher negra no Brasil de hoje manifesta um prolongamento da sua realidade vivida no período de escravidão com poucas mudanças, pois ela continua em último lugar na escala social e é aquela que mais carrega as desvantagens do sistema injusto e racista do país. Inúmeras pesquisas realizadas nos últimos anos mostram que a mulher negra apresenta menor nível de escolaridade, trabalha mais, porém com rendimento menor, e as poucas que conseguem romper as barreiras do preconceito e da discriminação racial e ascender socialmente têm menos possibilidade de encontrar companheiros no mercado matrimonial (Silva, 2003, p. 01).

A luta de Carolina representa uma luta coletiva de muitas mulheres pretas, que, mesmo ao conquistarem espaços visíveis, ainda precisam navegar em uma sociedade repleta de barreiras raciais e sociais. Mesmo depois de uma ascensão profissionalmente, a escritora do diário *Quarto de Despejo* ainda não era aconselhada a amar assim como nas suas narrativas da favela do Canindé. Embora estivesse em um espaço literário que poderia servir como um campo de libertação, as relações interpessoais de Carolina são limitadas por um contexto que ainda perpetua o racismo. Pacheco (2013, p. 24) afirma que as mulheres negras são vistas como pertencentes a um espaço inferior, desprovidas da dignidade que o casamento pode simbolizar:

Torna-se difícil não reconhecer como os discursos de ideologias raciais e de gênero são estruturantes e ordenam um conjunto de práticas corporais racializadas vividas pelo gênero, na sexualidade, no trabalho, na afetividade e em outros lugares sociais “destinados” às mulheres negras na Bahia e no Brasil.

A cor da pele influencia as dinâmicas de escolha e valorização nas relações afetivas. A protagonista dos diários teve um reconhecimento no campo profissional, porém o estigma da cor de sua pele preta ainda restringe suas relações. As mulheres negras muitas vezes, no campo afetivo, são desconsideradas ou vistas como menos desejáveis em comparação com às brancas. Lélia Gonzalez (2020) também discorre

sobre esses rótulos aos quais as pretas são submetidas, tendo sua humanidade diminuída, pois são privadas da oportunidade de serem narradoras de suas próprias vidas e trajetórias:

Nós mulheres e não brancas fomos “faladas”, definidas e classificadas por um sistema ideológico de dominação que nos infantiliza. Ao nos impor um lugar inferior no interior da sua hierarquia (apoiadas nas nossas condições biológicas de sexo e raça), suprime nossa humanidade justamente porque nos nega o direito de sermos sujeitos não só do nosso próprio discurso, como da nossa própria história (Gonzalez, 2020, p. 373).

O trecho abaixo reflete a preocupação de Carolina Maria de Jesus com a forma como é percebida pelos homens, revelando a insegurança que muitas mulheres enfrentam em relação a sua autoestima e ao desejo de serem amadas. A fala de seu filho José Carlos enfatiza uma crítica dura à valorização superficial e às expectativas sociais que cercam o amor e o casamento. Ele sugere que, devido à sua idade e aparência, o único motivo para um homem se interessar por sua mãe seria a razão financeira:

Eu fico preocupada com os olhares amorosos que os homens me dirigem. Mas o meu filho José Carlos fala:
- Se algum homem casar com a senhora será por dinheiro, porque a senhora já é velha e feia (Jesus, 2021, p. 122).

A afirmação de que um homem se interessaria por ela apenas por seu dinheiro, devido à sua idade e aparência, destaca a desumanização e a objetificação que muitas mulheres negras enfrentam. Isso mostra como a cor da pele e as normas sociais sobre beleza e desejo moldam as relações interpessoais, contribuindo para uma visão distorcida da mulher negra como alguém que não é digno de amor genuíno. Esse cenário é um reflexo das complexas intersecções entre raças, gênero e classe, em que até mesmo uma mulher preta de sucesso ainda pode ser vista através de lentes de desvalorização e racismo. Em determinado momento do diário, Carolina Maria de Jesus expressa sua angústia ao se sentir sobrecarregada pela responsabilidade de resolver os problemas dos outros. Essa pressão é exacerbada pela crença comum de que o dinheiro é a única solução para as dificuldades:

Começo a desgostar desta transição, onde encontro muitas dificuldades que é resolver o problema dos outros. Porque muitos pensam que os problemas só se resolvem com o dinheiro. São os tolos que pensam que é o dinheiro o lubrificante da vida. Quando eu vêjo estes homens que ficam estacionados na vida eu invejo-os porque eu queira ser homem. Queria ser um homem honesto e dinamico para dar exemplo aos fracos (Jesus, 2021, p. 113).

A angústia da ex-moradora da favela do Canindé em lidar com as expectativas de resolver problemas financeiros dos outros e a crença de que o dinheiro resolveria todos os problemas reforça uma crítica à visão materialista da vida. Carolina expressa um desejo de ser reconhecida não apenas por sua capacidade econômica, mas por suas qualidades humanas e éticas. Esse conflito interno pertence a um contexto mais amplo, visto que o valor de uma mulher preta pode ser frequentemente associado à sua posição social ou financeira, em vez de seu caráter ou dinamicidade com a vida. Na favela do Canindé, a narradora do diário *Quarto de despejo* vivia em condições desumanas e de extrema pobreza, sendo invisível aos olhos de muitos, entretanto, residindo em Osasco, em casa de alvenaria, ela agora é vista porque ascendeu profissionalmente, porém, está notoriamente desencadeada por conta do seu dinheiro e da ajuda que ela poderia fornecer aos homens.

Nos relatos do seu segundo diário, a protagonista discorre sobre considerar os homens fracos, isto porque ela vivenciou, em várias situações, relacionamentos em que os homens ao seu redor não assumiram o papel de provedor, deixando-a sozinha com o peso de sustentar a casa e os filhos. Para ela, um homem deveria cumprir o seu papel, responsabilizar-se e prover o sustento da família: “O Ronaldo disse-me que ele quer casa-se e está dessimpregado. Fiquei horrorizada! Como é que um homem quer casar-se, se está descolocado?” (Jesus, 2021, p. 72).

A dona dos diários critica duramente os homens que se aproveitam financeiramente das mulheres ou que dependem delas: “Eis o motivo porque não me casei. Os homens que me namoravam que homens fracos. Eu não tinha paciência para suportar um homem fraco” (Jesus, 2021, p. 72). O desabafo de Carolina expõe também sua crítica aos homens que não assumem o papel de parceiros sinceros e comprometidos e, ao contrário, acabam por explorar financeiramente as mulheres. Em outro relato ela diz: “Eu queixei para a dona Rosa que estou cansada de viver. Que invejo os que nascem e morrem. Eu estou dessiludida. Ter que cuidar dos filhos, e cuidar da literatura. E suportar os homens que querem dinheiro” (Jesus, 2021, p. 77).

A protagonista se recusava a abrir mão de sua autonomia para sustentar um homem que pudesse se aproveitar de sua resiliência. Por isso, ela opta pela independência e pela preservação de sua própria força, que era essencial para garantir a sobrevivência de sua família. Em toda a obra, que retrata sua vida em Osasco, vivendo em uma casa de alvenaria, o mais perto do amor que a protagonista chegou foi com David St. Clair, que era um jornalista e escritor americano que viveu no Brasil e escreveu sobre o país, interessando-se pela cultura e questões sociais brasileiras. Ele conheceu Carolina e ficou impressionado com seu trabalho, ajudando a divulgar sua história. Esse relacionamento, descrito por ela com uma mistura de admiração e desejo, representava uma rara conexão emocional em sua vida, marcada por lutas e isolamento:

Os beijos do David St Clair despertou tudo que estava adormecido em mim! Comecei pensar: Que bom se nós dois pudéssemos ficar sosinhos, sem terceiros para não nos perturbar, num recanto silente, ouvindo valsa vienense tocando subtilmente. Quando as barbas macias do David St. Clair encontravam no meu rosto, o meu corpo reclama algo que deve ser praticado em dupla, macho e fêmea (Jesus, 2021, p. 178).

A cena que a ex-catadora de papel descreve com tanta sensibilidade reflete um desejo de se libertar das restrições de sua vida cotidiana, de estar em um "recanto silente" com alguém que pudesse compartilhar e entender sua busca por um instante de paz e afeto. Esse desejo vai além da atração física, é um anseio por união e ternura. Ao idealizar uma situação em que os dois estão a sós, ouvindo uma "valsa vienense" e entregues àquele momento, Carolina expressa uma fantasia de escape da dureza de sua vida amorosa. Em outro trecho de sua narrativa, a ex-favelada narra:

O David St. Clair acompanhou-me até o avião. Abraçou e beijou-me. Os passageiros olhavam sem sorrir. Eu pensava: Que quadro! Eu sou muito preta e o David St. Clair super branco! Os beijos do David St. Clair deixou-me inquieta (Jesus, 2021, p. 179).

Observando a reação dos outros passageiros, que, ao presenciar a cena, não sorriam, possivelmente estavam surpresos ou desconfortáveis ao ver uma mulher negra e um homem branco revelando afeto em público. Esse momento revela não só uma interação íntima, mas também a percepção de Carolina sobre o impacto que a cor de sua pele tem nas suas experiências afetivas e na forma como o mundo ao

seu redor a enxerga. Em outra narrativa ela expressa seus desejos mais uma vez com o David St. Clair:

O meu corpo e meus lábios estavam unidos nos lábios do David St. Clair, como se fôssemos siamês. Pensei: como ha de ser bom eu e o David St. Clair nuzinho numa cama, bem macia igual o ninho de um colibri e acariciados por uma brisa perfumosa! (Jesus, 2021, p. 193).

A ex -favelada constrói uma imagem de aconchego e segurança, algo raro em sua realidade de mulher preta. Esse sonho de compartilhar um momento de ternura e de prazer físico com David St. Clair representa não apenas o desejo de viver o amor e a sexualidade de maneira livre e plena, mas também de experimentar uma paz que geralmente lhe era negada. Em outro trecho, ela narra: “Eu gosto de um homem muito inducado. Os nossos gênios e gestos são gemeos. Pretendo viver com ele. É brasileiro puro” (Jesus, 2021, p. 194). Para Carolina, um homem educado simboliza não só respeito, mas também a possibilidade de um diálogo enriquecedor e de um apoio emocional que vai além do superficial. A ideia de que pretendia viver com esse homem sugere que ela almejava estabilidade e um futuro ao lado de alguém que a compreendesse, que a respeitasse e que pudesse caminhar ao seu lado na vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da vida amorosa da protagonista Carolina Maria de Jesus, conforme retratada em *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria*, revela uma trajetória permeada por desafios estruturais e emocionais que transcendem o âmbito pessoal, expondo questões profundas de gênero, raça e classe. Suas experiências amorosas evidenciam um duplo enfrentamento: a luta contra a pobreza e a exclusão social, e a resistência diante da solidão e das expectativas amorosas frequentemente frustradas.

Em *Quarto de Despejo*, a narrativa é marcada pela rejeição ao amor romântico, apresentando relacionamentos opressivos, muitas vezes permeados por abandono, violência e exploração. Carolina, como uma mulher preta e mãe solo, vivendo na favela do Canindé, destaca a falta de suporte paterno e a negligência masculina, que reforçam sua desilusão com o amor e a levam a priorizar a sobrevivência e o cuidado com seus filhos. A violência doméstica a qual ela testemunha na favela também reforça sua decisão de evitar o casamento, protegendo-se de vínculos que poderiam trazer mais sofrimento do que apoio.

Já em *Casa de Alvenaria*, a escritora, agora em uma nova fase da vida, enfrenta a solidão de maneira diferente. Embora reconheça suas conquistas profissionais e materiais, Carolina continua a ser alvo de preconceitos raciais e de gênero, que limitam suas possibilidades de relações afetivas genuínas. A relação com David St. Clair surge como uma exceção rara, demonstrando um momento de conexão emocional e desejo, ainda que permeado por barreiras sociais. Mesmo nesse novo contexto, as dinâmicas de exploração masculina e as desigualdades de poder permanecem presentes, reafirmando sua escolha pela independência.

A jornada de Carolina Maria de Jesus, como descrita em suas obras, não apenas reflete sua realidade pessoal, mas também oferece uma crítica contundente às estruturas sociais que moldam e restringem as experiências amorosas de mulheres negras em contextos de vulnerabilidade. Sua resistência e resiliência diante desses desafios tornam sua narrativa um testemunho poderoso da luta por dignidade e autonomia, iluminando questões que permanecem relevantes no debate contemporâneo sobre raça, gênero e relações afetivas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Claudete. **Virou Regra?** São Paulo: Scortecci Editora, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BRANDEN, Nathaniel. **A psicologia do amor: o que é o amor, porque ele nasce, cresce e às vezes morre.** Rio de Janeiro: Rosa dos tempos 1998.

BRUCKNER, Pascal; Finkielkraut, Alan. **A nova desordem amorosa.** São Paulo, Brasiliens, 1981.

DAVIS, Angela, **Mulheres, raça e classe.** Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Frantz, **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

FLANDRIN, Jean-Louis. **Famílias, parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga.** Lisboa: Estampa, 1995.

FLACELIÈRE, Robert. **A vida quotidiana dos gregos no século de Péricles.** Tradução de Virgínia Motta. Lisboa: Livros do Brasil, [s/d].

FREIRE, Sandra Elisa de Assis. **Poliamor, uma forma não exclusiva de amar: correlatos valorativos e afetivos.** 2013. 258 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6928?&locale=pt_BR. Acesso 23 jan. 2025.

GONZALEZ, Lélia. Primavera para as rosas negras - Lélia Gonzalez em primeira pessoa. **Lutas Sociais**, São Paulo, v.23, n.43, p.367-371, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/ls/article/viewFile/52208/34406>. Acesso em 23 jan. 2024.

GRIMAL, Pierre. **O amor em Roma.** Tradução de Hildegard Fernanda Feist. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

HOOKS, bell. Intelectuais Negras. **Revista de Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, Florianópolis, UFSC, 1995, p.464-478. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>. Acesso em 23 jan. 2025.

_____. **Escrever além da raça: teoria e prática.** São Paulo: Elefante, 2022.

_____. **Tudo sobre amor: novas perspectivas.** São Paulo: Elefante, 2021.

_____. **Vivendo de Amor**. Portal Geledés, São Paulo, 9 mar. 2010.
Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor>. Acesso em: 12 fev. 2025.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

LINS, Regina Navarro. **A cama na varanda**: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo: novas tendências. Rio de Janeiro: BestSeller, 2007.

MAZEL, Jacques. **As metamorfoses de Eros**: o amor na Grécia Antiga. Tradução de Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra e o amor. *In*: RATTIS, Alex (org.). **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006.p. 126-129

PACHECO, Ana Claudia Lemos. **Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar**: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. 2008. 317p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1606620>. Acesso em: 23 jan. 2025.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1997.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**São Paulo: Companhia das letras, 2018.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Nós, 2017.

ROUGEMONT, Denis de. **O amor e o Ocidente**. Tradução: Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

SILVA, Amanda Raquel da. **A cor das relações**: corpo, idade e afetividade na experiência de mulheres negras em um bairro de Natal/RN. 2019. 160f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/28279>. Acesso em: 23 jan. 2025.

SILVA, Maria Nilza da. Mulher negra. **Revista Espaço Acadêmico**, [S. l.], ano II, n. 22, mar 2023. Disponível em: <https://espacoacademico.wordpress.com/2010/03/21/a-mulher-negra/>. Acesso em: out. 2024.

SILVA, Cristiani Bereta da. O saber histórico escolar sobre as mulheres e relações de gênero nos livros didáticos de história. **Caderno Espaço Feminino**, [S. l.], v. 17, n. 1,

2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/440>. Acesso em: 23 jan. 2025.